

SOBRE MEIOS E CONTEÚDOS

Jorge Campos da Costa

A expressão ‘meios de comunicação’ tem referido, historicamente, o conjunto de veículos que disponibiliza as mensagens de certas fontes para certos destinatários. Assim, tipicamente, o rádio, a televisão, o jornal, o telefone, por exemplo, são meios que veiculam conteúdos, instrumentalizados por emissoras e decodificados por receptores, na direção de um destino final das mensagens. Nessa perspectiva, o meio em si tem sido identificado com o suporte material, entidade física, enquanto o conteúdo veiculado tem sido apresentado como entidade abstrata, talvez psicológica ou cognitiva, de natureza não-típica, em oposição ao suporte que o transporta. Na concepção clássica da Teoria da Informação, via Shannon & Weaver (1949), essa forma de entender, a troca de mensagens como troca de conteúdos está perfeitamente bem representada.

Tal quadro, entretanto, ainda que de valor descritivo e explanatório inegável, parece inadequado para a comunicação humana. Sperber & Wilson (1986/95) têm questionado severamente esse modelo, especialmente a metáfora de transmissão de arquivos de conteúdo, para a comunicação humana. De fato, os conteúdos não viajam da mente de A para a mente de B. Ou A e B estão em contexto livre de comunicação, ou A e B estão em conexão. Se sim, os conteúdos são obtidos por um processo inferencial do qual a decodificação é apenas uma parte. No caso de um diálogo, peça prototípica mais simples de comunicação humana, A, ao produzir uma mensagem M, produz um efeito sobre o ambiente cognitivo de B que, por sua vez, primeiro decodifica e depois infere M, captando as intenções informativas e comunicativas de A. Esse modelo mais dinâmico, como compreendido por Sperber & Wilson, permite, em oposição ao mecanicista de Shannon & Weaver, explicitar a atividade comunicativa dos interlocutores, um tanto estáticos, como máquinas de emissão e recepção no contexto clássico. Na verdade, o circuito da comunicação, na perspectiva de Shannon & Weaver, representava uma fundamentação para o desenvolvimento das tecnologias da informação em que a operação central era baseada na comunicação das máquinas. Sob esse ângulo, o modelo era adequado. Já na proposta de S&W, a questão crucial é cognitiva. Trata-se de descrever e explicar como os comunicadores em ação raciocinam comunicativamente. E, para essa finalidade, o quadro de Shannon & Weaver é indiscutivelmente limitado. Seja como for, os dois

modelos constroem o processo comunicativo a partir de uma concepção dualista no sentido de que distinguem o meio em si mesmo do conhecimento que ele representa. Isso significa que tanto na proposta de Shannon & Weaver, baseada na noção de código, como na inferencialista de Sperber & Wilson, o centro da comunicação é o fenômeno do conhecimento.

Suponhamos, entretanto, que, ao invés de uma microvisão sobre os meios, a interface a ser estabelecida seja com uma visão mais ampla das Ciências Sociais. Nessa direção, antes do que conteúdos, as redes comunicativas representem em si mesmas o centro das atenções, já não modeladas pelo microângulo cognitivo. Agora A e B não são mais indivíduos em diálogo, mas representam comunidades inteiras em estado de conexão. Aqui, o rádio, a televisão, o telefone e o jornal, por exemplo, são, antes que veículos, redes especiais na mesma perspectiva das rodovias, aerovias e hidrovias. São, de fato, infovias com efeitos impressionantes ao nível do movimento das massas, da ocupação de espaços, da integração sociocultural, da globalização econômica, etc. Desfaz-se no universo da comunicação, como McLuhan (1962) anteviu, a distinção forma e conteúdo da tradição clássica Aristotélica, herdeira da dicotomia metafísica corpo/mente, roteiro de interpretações na história da cultura. Assume uma visão não-dualista na direção de uma semiótica das materialidades em que as redes, estruturas e conexões estão no centro das investigações. Isso instaura, então, uma outra perspectiva analítica das comunicações, em que a natureza dos meios passa a ter o papel sociocultural mais relevante. Imagine-se uma pequena cidade da Amazônia que, por hipótese, seja, repentinamente, invadida pelas tecnologias da Internet. Antes, certamente, que todo o conteúdo cultural dessa comunidade possa sofrer significativas mudanças, parece absolutamente plausível pensar que o modo de vida de tal comunidade mude, imediatamente, na comunicação via e-mail, por exemplo. Isso não significa, é óbvio, um reducionismo de extirpação de conteúdos. Não, apenas uma modelagem que também evita, ao contrário, o reducionismo conteudístico. McLuhan foi, de fato, um dos pioneiros a compreender o crucial papel histórico e civilizatório dos meios de comunicação. A sua idéia de aldeia global determinada pelas redes de comunicação em que os conteúdos de um meio são outros meios é uma das metáforas mais expressivas dos anos 60 para a globalização do final do século, início do novo milênio. A era digital representa um tal impacto que vem ressuscitando rapidamente os *insights* mclunianos e a sua maravilhosa e antecipatória preocupação com o (e construção do) futuro. Nesse sentido é que, para a perplexidade das especulações metafísicas a inventividade de Bill Gates pode ser interpretada como representando mais transformações para o mundo do que

o espírito absoluto hegeliano, o conceito de mais-valia, ou a noção de complexo de Édipo.

De fato, dado que o objeto de investigação seja a interface social dos meios massivos e suas extensões digitais contemporâneas, a tradição hermenêutica perde adequação descritiva e explanatória no confronto com as teorias da materialidade. Nisso, os historiógrafos do trivial, os geógrafos e até os intelectuais do senso comum estão mais próximos da interpretação relevante e na intersecção com pensadores como McLuhan, cuja contribuição maior talvez tenha sua origem nos olhos mais abertos para a realidade e na antevisão teórica do que viria a se tornar evidente.

Hoje, quando a metodologia não-dualista privilegia a sintaxe nos modelos lingüísticos, as conexões e redes nas teorias cognitivas e um forte compromisso naturalista nas abordagens filosóficas e sociais, a interpretação das telecomunicações, e suas sofisticadas formas atuais, parece ser fortemente dirigida para uma compreensão materialista de seus efeitos. Ao tom especulativo de um certo paradigma social em crise, a avaliação dos movimentos, da ocupação dos espaços, do impacto das infovias urbanizadoras, etc. propõe um olhar senão mais profundo, pelo menos absolutamente necessário para uma geopolítica das materialidades.

Referências Bibliográficas:

- MCLUHAN, M. (1962) *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Editora Nacional, 1972.
- SHANNON & WEAVER (1949) *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press.
- SPERBER & WILSON (1986/95) *Relevance – Communication and Cognition* Cambridge, Mass.: Harvard University Press.